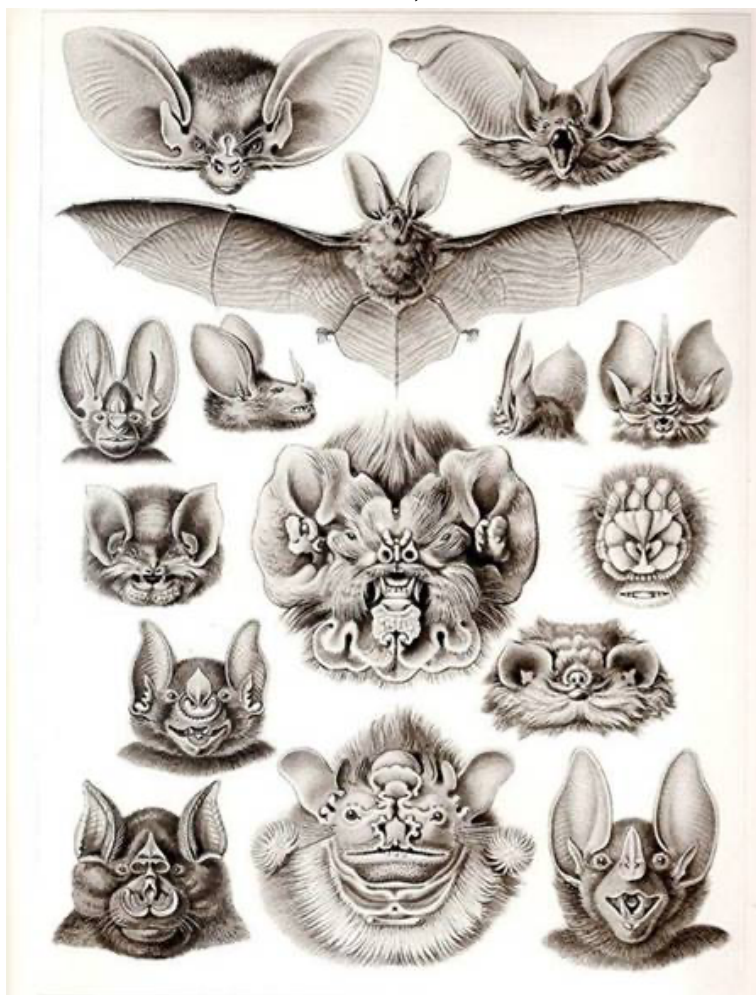


B V P S

Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social

Nisun: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus, por Els Lagrou

[blogbvps](#) / [13/04/2020](#) / [16/04/2020](#) / [Pandemia, Cultura e Sociedade](#)



Em nosso post de hoje da série **Pandemia, Cultura e Sociedade Els Lagrou**, professora titular de antropologia da UFRJ, propõe, através da filosofia ameríndia dos Huni Kuin, uma original leitura cosmopolítica do novo coronavírus, especialmente atenta às variadas formas de convívio e relação entre humanos e não humanos.

A série **Pandemia, Cultura e Sociedade** é uma parceria do Blog da BVPS com a revista *Sociologia & Antropologia* (<http://www.sociologiaeantropologia.com.br/>) (PPGSA/UFRJ). Assine nosso blog para receber as atualizações e curta nossa [página no Facebook](https://www.facebook.com/blogBVPS/) (<https://www.facebook.com/blogBVPS/>).

Uma boa leitura!

***Nisun*: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus**

Por Els Lagrou^[i]

Os Huni Kuin do Acre e do Leste da floresta amazônica peruana compartilham com muitos outros povos indígenas da região uma filosofia de vida que poderíamos chamar de ecosófica^[ii] e que atribui a maior parte das doenças ao fato de comermos animais. As pessoas adoecem porque a caça e os peixes, mas também algumas plantas que consumimos e outros seres que agredimos ou com os quais interagimos, se vingam e mandam seu *nisun*, dor de cabeça e tonteira que pode resultar em doença e morte.

O xamanismo e o uso de plantas psicotrópicas, como tabaco e cipó, servem para descobrir a ação destes agentes invisíveis e de contra-efetuar, através do canto, do sopro, de perfumes e plantas medicinais, o movimento de captura do espírito da vítima por parte dos duplos dos animais mortos. O universo da floresta é, assim, habitado por uma multiplicidade de espécies que são sujeitos e negociam seu direito ao espaço e à própria vida. Neste universo a cosmopolítica dos humanos consiste em matar somente o necessário e em negociar com os donos das espécies ou com os próprios duplos dos animais. Tem-se a aguda (con)ciência de que para viver é preciso matar e de que toda ação, toda predação, desencadeia uma contra-predação.

Quando a quarentena foi anunciada no Brasil, meu amigo, o líder de canto do cipó, Ibã Sales Huni Kuin, se despediu por telefone: “Vamos nos retirar na floresta, vamos ficar quietos e não vamos deixar mais ninguém entrar, porque tudo isso é *nisun*”. Nada sabia, ainda, sobre as hipóteses de causa do novo vírus, que apontam de fato para o *nisun* de outras florestas. E apesar do nome dado aos Huni Kuin pelos seus inimigos ser Kaxinawa, povo morcego, não consomem estes animais porque os consideram seres que possuem *yuxin*, o poder de transformar a forma. O que pode um vírus, no entanto, Ibãe seus parentes indígenas sabem muito bem. Pois vírus importados, como a influenza e a varíola, causaram, no passado, mais mortes na sua população do que as guerras travadas contra eles na época de invasão de suas terras.

A narrativa científica mais aceita do momento, pelo que conseguimos deduzir da literatura disponível e de livre acesso durante a pandemia, atribui o novo corona à passagem do vírus de uma espécie de morcego (*horseshoe bat*) que vive nas florestas Chinesas para o ser humano^[iii]. A hipótese se baseia no sequenciamento do genoma do vírus do COVID-19 e suas grandes semelhanças com um coronavírus presente nestes morcegos. Outro animal que hospeda um vírus geneticamente muito similar é o pangolim, um tipo de tatu asiático muito apreciado por grande

parte da população chinesa como iguaria e remédio. Uma das hipóteses é que este poderia ter sido o hospedeiro intermediário do vírus entre o morcego e o humano^[iv]; as últimas pesquisas, no entanto, afirmam que o vírus do morcego é mais próximo do COVID-19 do que aquele encontrado nos pangolins. Ambos os animais são consumidos na China e em outros países asiáticos. Os primeiros casos do novo corona vírus foram detectados em um grande mercado de Wuhan na China, onde se vende animais selváticos vivos, entre os quais morcegos e muitos pangolins, apesar de sua captura e comercialização serem proibidas.

O ‘zoonotic spillover’ de viroses que convivem com espécies selváticas, sem causar-lhes mal, para seres humanos, onde causam assustadoras pandemias, não começou nem terminará com o novo coronavírus. Outras epidemias recentes como a malária, a aids e a febre amarela foram resultado do *spillover* entre floresta e cidade’. O problema é especialmente interessante para a antropologia em geral e a etnologia em particular, porque nossa disciplina se interessou desde o começo pelas complexas relações entre humanos e animais, Natureza e Cultura, cidade e floresta. Agentes patogênicos, que convivem de forma simbiótica com seus hospedeiros animais, podem representar diferentes graus de perigo para os humanos, dependendo da cultura ou sociedade específica em questão. As regras de dieta e de negociação em torno da caça apontam para um saber acumulado, por parte dos povos da floresta, do potencial patogênico dos animais. Estes possuem seus próprios hábitos e habitats que precisam ser respeitados se quiserem que a caça não se vire contra o caçador.



A novidade destas novas epidemias, argumentam epidemiólogos e biólogos, consiste na rapidez com que o vírus viaja e se multiplica no meio humano, por causa da grande aglomeração e circulação de seres da mesma espécie nas cidades e nas regiões transitórias entre as cidades e as

florestas. A realidade relacional contemporânea de intensa circulação de pessoas, mercadorias e animais é o cronótopo perfeito para a disseminação desta nova ameaça mundial. Este cronótopo vai acompanhado de uma redução cada vez maior das áreas de floresta onde os hospedeiros dos agentes patogênicos conviviam com os vírus de modo que estes não lhes causavam doenças, nem o transmitiam para os seres humanos.

Em entrevista dada à CNN (20/03/2020), intitulada “the bats are not to blame”, “não são os morcegos os culpados”, Andrew Cunningham, Professor da Zoological Society de Londres, afirma que: “a causa do “zoonotic spillover”, ou o transfer de morcegos ou outras espécies selvagens, é quase sempre o comportamento humano”. O biólogo aponta algumas características interessantes dos morcegos que nos ajudam a entender sua importância e seus perigos para os humanos. Os morcegos são os únicos mamíferos que voam, o que faz com que eles possam cruzar grandes distâncias e disseminar muitos agentes patogênicos. Mas eles também são os polinizadores mais importantes da floresta tropical, e muitas espécies dependem exclusivamente dos morcegos para sobreviver. No mito de origem das plantas cultivadas dos Huni Kuin, foi um quati-puru transformado em homem que ensinou o cultivo das plantas aos humanos. O mesmo quati-puru, no entanto, sabia se transformar também em morcego. Os morcegos, como os humanos, gostam de viver em grandes grupos, o que facilita a disseminação de sementes, pólen e vírus. O voo do morcego requer muita energia, afirma Cunningham, o que produz altas temperaturas no animal, temperaturas que no ser humano significariam febre. É por esta razão que quando passa para o humano, o vírus é tão virulento. Outro elemento interessante é que, como os humanos, os morcegos sentem stress. Quando percebem seu habitat danificado pelo desflorestamento ou quando amontoados vivos em grandes feiras, juntos com outros animais, para serem sacrificados, o aumento do stress pressiona seu sistema imunológico e pode fazer com que um vírus latente se torne manifesto e mais contagioso.

Não é o fato dos humanos comerem caça a causa das epidemias. As epidemias são o resultado do desmatamento e da extinção dos animais que antes eram seus hospedeiros simbióticos. As epidemias são também o resultado de uma relação extrativista das grandes cidades com as florestas. Elas surgem nas franjas das florestas ameaçadas, nos interstícios da fricção interespecie e de lá são rapidamente transportadas para o mundo inteiro através de caminhões, barcos e aviões. E não é somente a caça cujo stress causa pandemias, outros animais também sofrem e causam doenças. Estes são prisioneiros de outra área intersticial entre a floresta e a cidade, a área rural do grande agronegócio alimentício, notória para o surgimento de novas gripes virulentas que podem virar pandemias. É nas grandes criações industrializadas de galinhas e porcos confinados que surgiram há alguns anos a chamada ‘gripe suína’ e outras que foram um prenúncio do vírus que observamos hoje.

A grande rede que conecta humanos e não humanos é a causa e a solução para o problema. Vivemos, em escala planetária, um problema em comum; sua solução também terá de ser comum. Virá da troca interdisciplinar e internacional de informações, mas virá sobretudo do que podemos aprender de outras tradições de pensamento que não se construíram sobre a separação dualista entre natureza e cultura. A substituição de ontologias relacionais pela oposição entre “sujeito” e “objeto”, resultando numa ontologia dualista, possibilitou a empresa modernista e capitalista e sua invenção de uma máquina de conquista do mundo, capturando em suas engrenagens até as mais resistentes minorias humanas e não humanas, que tentam sobreviver em suas margens.

As ontologias dessas minorias, no entanto, falam uma linguagem que contém conhecimentos vitais para o planeta hoje e que precisamos traduzir, com urgência, para a linguagem da ciência. Assim, na sua videoconferência para o Colóquio “Os mil nomes de Gaia” (2014), Donna Haraway apelou para uma consciência renovada de como todos os seres, incluindo os humanos, são compostos de outros seres e emaranhados numa malha densa de devir-com. Em vez de inter-relacionalidade, estamos lidando com intra-relacionalidade; somos entidades compostas de relações, entrecruzadas por outras agências e habitadas por subjetividades diferentes. Somos múltiplos e divíduos em vez de indivíduos; somos fractais. Somos habitados por bactérias e vírus saudáveis e nocivos que travam batalhas intermináveis. Essas novas descobertas científicas se aproximam cada vez mais do que as filosofias ameríndias há tempos tentam nos ensinar. “A noção de uma entidade somada ao meio ambiente não pode mais ser pensada [...]. Temos o que os biólogos chamam de holobiontes, a coleção de entidades tomadas em conjunto na sua relacionalidade que constroem uma entidade boa o suficiente para sobreviver o dia”[v].

A reação em rede planetária à nova pandemia, que se espalha pelo ar em gotículas invisíveis, transforma nossos corpos em campos de batalha invisíveis onde é, às vezes, a própria autodefesa, a reação excessiva do nosso sistema imunológico aos invasores, que mata as células vitais e acaba destruindo nossos órgãos. Ou seja, quando o sistema está muito estressado ele se auto-consome. Não é o fato de comermos porcos, morcegos, galinhas ou pandolins que causa epidemias mundiais, mas o modo como a civilização mundial, que se alimenta do crescimento sem fim das cidades sobre as florestas, as árvores e seus habitantes, parou de escutar a revolta, não das coisas, mais dos animais, das plantas e de Gaia. Ou como diria Ailton Krenak, as pessoas foram alienadas e arrancadas da terra que é viva e com a qual é preciso dialogar, conviver[vi].



[i] Professora Titular de Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, docente e pesquisadora no Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ).

[ii] Termo usado por Kay Arhem em “Ecosofia Makuna”, 1993, In *La Selva Humanizada: Ecologia Alternativa em el Trópico Húmedo Colombiano*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología, pp. 109-126.

[iii] Wallace, Rob; Liebman, Alex; Chaves, Luis Fernando; Wallace, Rodrick, April 1, 2020, “COVID-19 and Circuits of capital”, in *Monthly Review*, New York.

[iv] Tommy Tsan-Yuk Lam, Marcus Ho-Hin Shum, Hua-Chen Zhu, Yi-Gang Tong, Xue-Bing Ni, Yun-Shi Liao, Wei Wei, William Yiu-Man Cheung, Wen-Juan Li, Lian-Feng Li, Gabriel M. Leung, Edward C. Holmes, Yan-Ling Hu & Yi Guan. 28.03.2020, “Identifying SARS-CoV-2 related corona viruses in Malayan pangolins”, In *Nature*, www.nature.com (<http://www.nature.com>).

[v] Donna Haraway, “Tentacular Worldings in the Chthulucene”, 2014. Videoconferência. Disponível em: <<https://thethousandnamesofgaia.wordpress.com/>> (<https://thethousandnamesofgaia.wordpress.com/>>). Acesso em: 01/12/2017.

[vi] Krenak, Ailton. 2019. *Idéias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.

◆ Uma versão deste artigo foi traduzida para o espanhol por Rubén Lombida e está disponível aqui (<https://caminero1320.wordpress.com/2020/04/14/nisun-la-vinganza-del-pueblo-murcielago-y-lo-que-nos-puede-ensenar-sobre-el-nuevo-coronavirus-por-els-lagrou/>).

As imagens que ilustram o post são, na ordem:

Ernst Haeckel. Chiroptera, 1904. In: Kunstformen der Natur, plate 67.

Toyohara Chikanobu. Henfuku – Small boys chasing bats in the evening, 1889. Japanese Art Open Database.

Ohara Koson. Flying bats, circa 1930. Artelino Japanese Prints.

* Os textos publicados pelos colaboradores não refletem as posições da BVPS.

Publicado por [blogbvps](https://blogbvps.wordpress.com/)

[Ver todos os posts por blogbvps](#)

7 comentários

1.

Guilherme Magalhães disse: [14/04/2020 às 04:54](#)

Muito interessante e instigante.

[Responder](#)

Marcos Hofmann disse: [14/04/2020 às 05:45](#)

Gostei. Concordo plenamente sobre o homem estar destruindo a natureza e, nisso, incluo a sua própria. Percebi questões que também indicam situações de espiritualidade, na “visão” indígina (e digo isso com todo respeito) e, nesse aspecto (sem entrar no mérito das discussões) cito (como alerta, porque nele creio) o texto bíblico de Apocalipse 11:18.

[Responder](#)

2. 1.

Gervásio D Araujo da Cunha Gonçalves Filho disse: [14/04/2020 às 09:40](#)

Hoje, 41 anos depois, consegui entender, de vez, porque os Índios Assurinis do Koatinemo (médio Xingú) só caçavam os “caititus”, porcos do mato parecidos com javalis, quando Tadjhô, deidade representada por estes grupos de animais, os enviava. E havia um ritual para comê-los após a caça.

[Responder](#)

3.

Pedro Luz disse: [14/04/2020 às 07:29](#)

Olá Elsj! Parabéns pelo artigo! Quando estive em campo entre os Hupda tive o sangue sugado por um Desmodus rotundus. Ha ha ha Vem falar de Nisun do morcego comigo! Uahahaha Ficou a cicatriz. Sorte que na região na ocorre raiva. Já tive meu encontro nessa vida com morcego, já deu! Fica bem aí querida! Tudo de bom!

[Responder](#)

4.

Fernanda Azeredo de Moraes disse: [14/04/2020 às 09:46](#)

Outra característica importante que partilhamos com as morcegas: nós, como elas, menstruamos. <https://medium.com/@fermoraesazeredo/qual-o-benef%C3%ADcio-ou-o-prop%C3%B3sito-evolutivo-da-menstrua%C3%A7%C3%A3o-e9691d1cc3fe>

[Responder](#)

5.

Renato Amram Athias disse: [15/04/2020 às 09:11](#)

Querida Els, muito legal o texto. Obrigado, gostei de ler e me fez lembrar certo personagens invisíveis bem armados, presentes na mitologia dos Hupd'äh que atacam os humanos quando esses esquecem as músicas de proteção do ambiente, ao redor da aldeia... muito comum na região do rio Uaupés do Noroeste Amazônico... abraços!

[Responder](#)

6.

Alexsandra Lara disse: 15/04/2020 às 11:22

Muito interessante esse artigo. È para refletirmos sobre nossos hábitos, modos de vida e necessidade de mudanças radicais na forma como lidamos com a natureza e os outros seres que fazem parte dela tanto quanto nós. Não SOMOS superiores às plantas e animais, somos parte desse universo. Precisamos recuperar o elo, o equilíbrio entre esses elementos se quisermos continuar aqui.

Gratidão.

[Responder](#)

[Blog no WordPress.com.](#)